

DO OLIMPO AO PÓS-OLIMPISMO: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE O ESPORTE ATUAL

Katia RUBIO*

RESUMO

O esporte tem refletido a forma como a sociedade vem se organizando, espelhando as diferenças entre Estados, povos e classes sociais, além de se tornar um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea. Constituído como um dos principais fenômenos sociais contemporâneos, o esporte tem se estabelecido como um campo privilegiado de estudo e intervenção, não só nos aspectos específicos de sua prática - tática e técnica - mas também do ponto de vista educativo e socio-cultural. Uma das justificativas para o esporte usufruir da condição de um dos principais fenômenos culturais da atualidade reside no fato dele congregar valores de sua gênese como o elemento integrador mente-corpo e a função pedagógica praticada na "paidéia", na Grécia Helênica, como por outro lado a sua porção competitiva se integra perfeitamente à condição pós-moderna, justificada pela relação de dependência estabelecida com os meios de comunicação de massa e o conseqüente ajustamento de sua prática em função das exigências e necessidades desses meios. A transformação do papel social do atleta e da organização da instituição esportiva como um todo vem possivelmente satisfazer ao conjunto de novos valores esportivos, aos quais denominamos pós-Olimpismo, onde o amadorismo é abolido do conjunto de ideais e o "fair-play" é adequado à necessidade de convivência com patrocinadores, espaço comercial e novas regulamentações.

UNITERMOS: Olimpismo; Esporte contemporâneo; Pós-modernismo; Indústria cultural.

INTRODUÇÃO

O esporte é na atualidade um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta. Ele tem refletido a forma como a sociedade vem se organizando, espelhando as diferenças entre Estados, povos e classes sociais, além de se tornar um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, matéria prima dos meios de comunicação de massa e uma das poucas formas, reconhecidamente, honestas de rápida ascensão social.

Originário no período pré-histórico quando o ser humano era ainda apenas caçador, organizado na Grécia como um dos eventos mais importantes da Antigüidade e reinventado no século XIX como um novo elemento pedagógico, o esporte acompanha a história da humanidade como

um elemento intrínseco à condição humana, seja na formação de sua constituição física seja na atividade competitiva. Apesar da abrangência histórica do fenômeno esportivo, dois momentos distintos estarão sendo focados nesse texto: a Grécia Helênica, onde os Jogos Olímpicos foram originalmente organizados e os séculos XIX e XX, com a reedição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e o inevitável desejo de reviver o esplendor e a glória vividos na Antigüidade.

Portanto, a descrição de fatos ocorridos nos primórdios não deve ser tomada como historicismo, visto que deliberadamente optou-se pela origem, pela organização institucional antiga e moderna indicando uma periodização, onde se pode contemplar os diversos

* Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

componentes culturais do momento histórico abordado. Por esse motivo, ao falarmos sobre o esporte na Grécia Helênica situamo-lo como um item da educação grega e quando analisado no momento atual ele é tido como produto da indústria cultural, um espetáculo, diferentemente da atividade e da educação físicas, relacionado com a educação, com a saúde e com a qualidade de vida.

A preocupação em periodizar, conforme Ribeiro (1999), partiu da percepção de que os eventos não se sucedem em uma ordem que é inata a eles, mas que ocorrem intrincados desde o seu nascimento, ainda que sua articulação ocorra de maneira indeterminada.

O autor aponta que a indeterminação existe no sentido de justificar quais agrupamentos sairão vencedores no embate de projetos, uma das características da dinâmica da história humana. Parte-se, então, do pressuposto de que a

história não é uma sucessão de fatos, mas produto da articulação dos agentes envolvidos, ganhando a forma de construção humana a partir de projetos que vão se politizando ao longo de sua realização (p.94).

A periodização é um instrumento que permite organizar a história dos fatos para situá-los em suas rupturas e descontinuidades. Nesse estudo o objeto de análise é a presença do mito do herói no esporte e as diferentes manifestações e interpretações desse fenômeno na Grécia Helênica e na atualidade. A periodização proposta auxilia a identificar o significado do mito do herói, suas premissas na Grécia Helênica e sua permanência na atualidade.

A GRÉCIA E O ESPORTE

Ao tratar do antigo esporte grego pisamos terreno sagrado da cultura. É conhecida a extensão da influência da cultura grega, principalmente para o Ocidente, que forneceu os fundamentos de nossa civilização. Parte da formação do cidadão residia no processo de purificação do espírito, vigente na idéia de que não era possível a perfeição sem a beleza do corpo. Para tanto, o caminho da educação integral, ou "paidéia" como a chamavam os gregos, não era possível sem a Educação Física. Também o ideal da beleza humana para o Ocidente nasceu dessa prática. Aos gregos devemos a máxima: Não há educação sem esporte, não há beleza sem esporte;

apenas o homem educado fisicamente é verdadeiramente educado e, portanto, belo. E como ensinou Sócrates (Platão, s.d.), o belo é idêntico ao bom.

Vários eram os Jogos realizados na Grécia Antiga, todos eles em um período quadrienal, em diferentes cidades.

Os jogos Pan-Helênicos, denominação de quatro grandes competições - Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeus - eram realizados para celebrar homenagens a deuses como Zeus, em Olímpia, Jogos Olímpicos; Apolo, em Delfos, com o nome de Jogos Píticos; em Coríntio, festejavam-se os Jogos Ístmicos a Poseidon; em Nêmea os Jogos Nemeus, dedicados a Hércules. Além dos Jogos Pan-Helênicos, outras celebrações aconteciam em forma de Jogos. Eram eles os Jogos Heranos, dedicados à deusa Hera, esposa de Zeus, com a participação exclusiva de mulheres; e os jogos Fúnebres, considerados os mais antigos e talvez precursores dos Jogos Olímpicos, dedicados aos mortos, como descreve Homero na *Ilíada*, sobre a homenagem a Pátroclo; as Panatéias, evento realizado em honra a Athena, tendo sido construído especialmente para esse evento, em 380 a.C. por Licurgo, o estádio Panatenaico, em Atenas, e reconstruído e ampliado por Herodes Ático no século II, para abrigar 50 mil espectadores (Godoy, 1996).

Boga (1964) afirma que na Antiguidade os Jogos Olímpicos foram creditados a Hércules (ou Hércules), que para prestar uma homenagem ao rei Augias, morto em combate durante a conquista da cidade de Elis, instituiu em sua memória competições atléticas que vieram a se chamar Jogos Herácleos. Mas, sua contribuição para com a organização de jogos esportivos não pára aí. Contam os eleenses que Hércules, criado no Monte Ida, na Ilha de Creta, propôs aos irmãos um concurso pedestre para se exercitarem na corrida, dando origem ao primeiro gênero de competição: o atletismo.

Uma outra versão é contada sobre o surgimento dos jogos (Fernandes, 1980), em que Pélope, avô de Hércules, apaixonou-se pela filha de Enómao, rei de Pisa, que de acordo com o oráculo seria morto pelas mãos do próprio genro. Esse fato fez com que Enómao se opusesse ao casamento da filha Hipodamia. Porém, para satisfazer ao desejo dos pretendentes, concordou em realizar uma prova de corrida de carros, durante a qual ele tentava acertar os concorrentes com uma lança. Um a um os pretendentes foram caindo mortos, exceto Pélope que havia subornado o cocheiro real, para

que sabotasse o carro do rei, provocando um acidente que veio resultar em sua morte. Como forma de agradecimento à vitória conquistada Pélope organizou Jogos.

Se com Pélope ou com Hércules o fato é que o início dos jogos está relacionado a essa família heróica e, em prevalecendo a segunda versão, nem só a habilidade e a força eram responsáveis pelo sucesso esportivo e a lisura nem sempre estava presente em todas as formas de competição.

Durante muito tempo heroísmo e esporte estiveram intimamente relacionados. Conta Brandão (1999) que em Esparta, onde a Educação Física era levada muito mais a sério que no restante da Grécia, a rua que conduzia ao estádio, além de ser marcada pelo túmulo do herói Eumedes, possuía uma estátua de Hércules, a quem os ‘*sphairís*’, os jovens próximos da maturidade, faziam sacrifícios antes de seu combate ritual. A conexão entre culto agonístico e culto heróico era tão séria, que os grandes e mais célebres atletas foram heroicizados, como é o caso de Eutimo de Locros e Teógenes de Tasos.

Olímpia era considerada um centro político e religioso e favoreceu, sob forma de associação, a agregação de várias outras cidades, para a realização dos jogos, entre elas Esparta. A base dessa federação foi o reconhecimento de Zeus como protetor comum e os Jogos como uma festa em sua homenagem, que segundo exigência do oráculo de Delfos deveria ser celebrada de quatro em quatro anos, no dia da Lua cheia após o solstício de verão. A escolha desse dia devia-se ao fato desse ser o momento em que o Sol, atingindo o ponto mais elevado de sua carreira no hemisfério Norte, resplandecendo em todo o brilho, mostrava-se vitorioso aos seus inimigos mais temíveis. As corridas e combates dos atletas reproduziram a imagem do curso anual do Sol e as vitórias deste sobre os diferentes signos do zodíaco (Boga, 1964).

Havia por parte da população e dos organizadores desses eventos o cuidado de nunca coincidir as datas das competições, permitindo assim a participação dos habitantes das diversas cidades vizinhas na cerimônia (Gillet, 1975). Essa preocupação aponta para a associação entre a legitimidade dos jogos e a quantidade de representações individuais vinculadas aos seus locais de origem, ou seja, quanto mais atletas participantes representando um maior número de cidades, maior a importância daquela competição.

Os Jogos Olímpicos marcaram de tal forma o modo de vida grego que durante sua realização era decretada a tregua, ou seja, três meses antes do início desse acontecimento eram suspensas todas as guerras, os soldados eram proibidos de pegar em armas ou participar de conflitos armados, mesmo contra povos invasores, para que atletas e espectadores pudessem chegar a Olímpia sem sofrer qualquer tipo de ataque.

Heródoto conta que essa dedicação aos Jogos era o resultado de uma nobre Educação Física praticada *por amor a si* e em honra aos deuses. Ele conta que em 480 a.C., o rei Xerxes conduziu os exércitos do Oriente através do Helesponto, conquistou a Tesalia, abriu por traição o paço marítimo das Termópilas e entrou na Grécia, que estava, ao que parecia, desprevenida e indefesa. Ao interrogar uns desertores famintos da Arcadia, perguntou-lhes sobre o que faziam os gregos naqueles momentos cruciais. A inesperada resposta foi: ‘Estão celebrando as Olimpíadas’ (75a. Olimpíada). O rei Xerxes continuou indagando: ‘Qual é o prêmio das competições?’ ‘Uma coroa de louros’ foi a resposta. Então, um dos comandantes persas disse pensativamente ao general Mardonios: ‘Temo por nós, se nos levam a combater contra homens que não lutam por ouro e prata, mas por virtudes viris!’ (Diem, 1966).

O esporte exerceu grande influência sobre a formação do homem grego, sendo considerado como um dos três pilares da educação da criança e do jovem, juntamente com as letras e a música (Cagigal, 1979; Tubino, 1992). O conceito de harmonia, ainda que de difícil interpretação, segue sendo o objetivo ideal de toda a educação como o ‘equilíbrio entre os diversos extremos’.

E desde então a ginástica se distinguiu do esporte. Enquanto os exercícios físicos eram realizados nos ginásios, as atividades de treinamento eram direcionadas a sujeitos de elite que se preparavam para os Jogos Olímpicos, motivados pela busca de prestígio.

Os exercícios físicos eram praticados, principalmente pelos cidadãos - homens livres, nascidos de pai e mãe atenienses, os únicos a terem o direito de possuir terras e gozar de plenos direitos políticos; também poderiam praticá-los, porém em outro ginásio, os metecos - estrangeiros que obtiveram permissão para se fixar na Ática, protegidos pelas leis, pagavam impostos e prestavam o serviço militar, apesar de alijados da posse de terras e da participação no governo. Os únicos a serem excluídos integralmente da prática da ginástica eram os escravos - capturados em

guerras, filhos de escravos ou de pais que os abandonaram quando crianças - e as mulheres.

Praticados no ‘gimnasio’, um dos edifícios mais importantes da cidade, a ginástica e o esporte eram ensinados dentro dos preceitos ditados pela ‘paidéia’, eram um privilégio de cidadãos gregos que pertenciam à elite das cidades-estado. Para tanto, de acordo com Pereira (1988) foram criados corpos de especialistas em questões atléticas classificados como:

- ‘gymnastai’ - seriam os dirigentes, semelhantes aos atuais presidentes de clubes esportivos. Em algumas cidades eram necessários mais de 30 anos para se desempenhar essa função, visto que ela tinha um caráter honorífico;
- ‘pedotribai’ - eram os instrutores, técnicos que supervisionavam os treinos portando uma vara, como símbolo de sua autoridade. Tinham um ‘status’ social semelhante ao médico.

O ginásio grego não foi dedicado por muito tempo apenas aos exercícios atléticos. Logo se voltou para a orientação esportiva da criança. Além das letras e da música, a educação da infância e da mocidade fazia-se e completava-se nos ginásios onde toda a juventude ia treinar, ponto de reunião para os gregos. Ali ensinaram Platão, Aristóteles e Prodicus, o primeiro a expor as vantagens da prática da ginástica para a saúde.

Diante da perspectiva do esporte enquanto elemento pedagógico na formação da criança e do jovem gregos, não é de se estranhar a crítica feita àqueles que optaram pela prática alienada do esporte, que privilegiava apenas a competição em detrimento da formação, um dos indicadores da decadência da cultura grega.

Platão, na *República*, reforça que diante da diversidade da vida, há homens que não conhecem mais do que o esporte, enquanto há outros que se dedicam àquilo que lhes é próprio, ou seja, aspiram à perfeição, como exigia o filósofo. Os primeiros, diante de tanta especialização, perdem a conexão com a vida e a dimensão da existência, apesar dos músculos vigorosos, e em longo prazo, perdem também toda a capacidade corporal.

Galeno, baseado em Hipócrates, condenava os atletas que apenas se preocupavam com a vitória, e afirmava que a saúde e plenitude daqueles que praticam esporte apenas para competir são instáveis.

Assim como aquelas partes dos muros
que foram talhadas por arietes

facilmente caem diante da trepidação, já que não resistem a esforço algum, assim os atletas são propensos a adoecer em qualquer ocasião, por se tornarem frágeis pelos golpes que recebem durante suas atuações... Duvido que os atletas participem do bem do espírito e que façam uso da razão (citado por Diem, 1966, p.125).

Afirmava o médico que esse tipo particular transitava entre a letargia e a insônia era muito sensível ao frio e quase inteiramente incapaz para o exercício de uma profissão.

Além disso, o atleta profissional passava a maior parte do dia no ginásio preparando-se para a luta, sujeito a um regime especial que consistia em pão pouco fermentado e mal cozido, carne de porco e vinho em grande quantidade. Não gozava, geralmente, de vida longa nem saudável. A exuberância de musculatura era uma sobrecarga para o sistema vascular, e mesmo adquirindo força sobrehumana era fraquíssimo de resistência.

Este regime, unido ao excesso de fadiga e à vida irregular dos ginásios originava no atleta graves perturbações fisiológicas, impossibilitando-o de suportar longas viagens, as fadigas da guerra, reunindo a um espírito pesado com tendência à preguiça, uma estatura disforme e uma inclinação pronunciada à violência (Boga, 1964, p.43).

Prossegue Galeno: ‘Talvez presume-se que sejam eles os que maiores quantias de dinheiro ganhem, no entanto é possível constatar que todos andam endividados’ (citado por Diem, 1966, p.126).

Esse tipo de crítica não se refere ao atletismo, mas às conseqüências prejudiciais de uma modalidade específica que na Antigüidade servia para entreter o público com sensacionalismo: o pugilato.

Espécie de luta foi de início o menos brutal dos exercícios de força. Não era permitido agarrar ou segurar o adversário pela garganta, confiando a vitória apenas aos golpes de ataque. Segundo Boga (1964) do pugilato derivou o pancrácio (‘pan’ - toda; ‘tratos’ - força), espécie de combate onde todos os recursos da força eram permitidos para a derrota do adversário. Desconhecido nas idades heróicas, o pancrácio começou a ser cultivado quando o gosto dos gregos pelos exercícios do corpo recebeu uma espécie de

consagração oficial nas festas olímpicas, que tiravam destas ocasiões a parte essencial de seus interesses. Para essa luta requeria-se o vigor físico aliado à astúcia, habilidade e rapidez nos movimentos, e a vitória era conquistada freqüentemente pelo mais ágil. Pancratistas e pugilista demonstravam na sua maioria pouca habilidade em outras modalidades.

Apesar dos fatos relatados e da crítica ao desvirtuamento da prática esportiva não se pode generalizar a desmoralização do esporte clássico. Mesmo diante do 'espetáculo' descrito acima, ainda existiam os atletas que viajavam de competição em competição, que viviam do esporte, mas não eram caracterizados como profissionais, conforme o sentido contemporâneo que damos à essa palavra. Os gastos com viagens, as condições de treinamento, bem como as coroas e as cerimônias de oferenda aos deuses aconteciam sem que houvesse a certeza de quando elas seriam celebradas.

A competição, para os gregos, era considerada um princípio vital, não apenas pelo rendimento ambicionado, mas em si mesma com independência de todo objetivo. O indivíduo crescia e se desenvolvia dentro de um espírito criador, um competidor à sua maneira, um 'agonista'¹. Assim, a rivalidade fazia parte da essência da vida, não apenas em situações onde é fácil a determinação da vitória ou da derrota, mas também em situações imponderáveis como a criação artística. Para o grego, a dignidade e o valor de uma competição não residiam nos resultados. O fator determinante era o brilho e o ardor que penetrava nos corpos e espíritos durante o jogo das possibilidades, dominando o instante supremo.

O ESPORTE MODERNO

O esporte e a atividade física chegaram ao século XIX acompanhando as transformações políticas e sociais que começaram no século anterior - Iluminismo, Revolução Industrial e Revolução Francesa - demonstrando, desde então, como diria DaMatta², uma tendência a servir como um bom veículo para uma série de dramatizações da sociedade.

De acordo com Betti (1991) o esporte moderno resultou de um processo de esportivização da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e

também de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Desde então esporte e ginástica irão se diferenciar tanto por seus meios como por seus fins.

O fato é que, semelhante à Grécia antiga, os *sistemas ginásticos* têm sua origem vinculada a elementos que os associavam à educação, porém se observados atentamente apresentam uma tendência funcionalista e racionalista, na medida em que buscavam responder a uma demanda advinda da defesa dos Estados Nacionais e ao aumento da produção capitalista.

A origem do sistema ginástico e do movimento esportivo oferece de certa forma elementos para a compreensão do esporte moderno até os dias atuais.

A cultura da atividade física, principalmente a ginástica, seguia proximamente conceitos ditados por Rousseau (1979, p.121), expresso em *Emílio*, onde

Para aprender a pensar é preciso, portanto, exercitarmos os nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são instrumentos de nossa inteligência; e para tirar todo o proveito possível desses instrumentos, é preciso que o corpo que os fornece seja robusto e são...

Países como Alemanha, França, Suécia e Dinamarca foram o berço de *movimentos ginásticos* vinculados a processos de afirmação de nacionalidade, cuja preocupação maior era a preparação para a guerra e a defesa do Estado (Betti, 1991).

Como uma reedição da 'Paidéia', o movimento ginástico alemão foi influenciado pelas idéias educacionais do Iluminismo, período em que a educação física era parte integrante da educação do jovem. Marinho (s.d.) afirma que assim como na Grécia onde havia a prática de um mínimo de modalidades individuais - corridas, saltos, arremessos e lutas - jogos como a peteca, a bola, os pinos eram acrescentados às atividades físicas, cujas características podem sugerir variadas interpretações como excursões ao campo, transporte de sacolas cheias de areia e suspensão em escadas oblíquas.

É, todavia, o trabalho de Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852) que repercutirá na formação da juventude prussiana do início do século XIX. Mentor de um método de educação nacional, na qual a Educação Física tinha um papel

fundamental, Jahn, um nacionalista fervoroso, acreditava que a atividade física favorecia uma vida ativa e saudável, além de tornar os homens capazes de combater o inimigo e o invasor. A derrota das forças napoleônicas (McIntosh, 1975) acirrou o sentimento nacionalista e reforçou a proposta da inclusão do sistema ginástico nas escolas alemãs.

É também no início do século XIX, depois de se envolver nas guerras napoleônicas, perder territórios e viver uma forte crise econômica que se desenvolve na Dinamarca um sistema ginástico. Ainda que criado por um civil - Franz Nachtegall (Betti, 1991) - esse sistema ganhou destaque entre os militares que fundaram o Instituto Militar de Ginástica, em que civis também eram admitidos, responsável pela formação de professores de ginástica para as escolas em geral. Fruto dessa postura, a Dinamarca veio a ser o primeiro país europeu a introduzir a Educação Física como disciplina curricular, promover cursos de treinamento de professores e a editar manuais para instrutores.

Entretanto, é na Suécia, nesse mesmo período, que surgirá uma proposta ginástica longeva. Depois de estudar na Dinamarca e conhecer o sistema ginástico desenvolvido no país vizinho, Per Henrik Ling volta à Suécia disposto a implementar um modelo pedagógico que contemplasse a Educação Física. Esse desejo ganhou impulso quando, na guerra contra a Rússia foi perdida a Finlândia, e mais uma vez governo e militares buscaram a formação de homens robustos de físico e de caráter.

Van Dalen e Bennet (citado por Marinho, s.d.) acreditam que Ling tinha motivos patrióticos para desenvolver esse tipo de ginástica, mas sendo um estudioso de anátomo-fisiologia buscava outros objetivos para o praticante, levando-o a criar um projeto de ação dividido em quatro propostas: a ginástica militar, a médica, a pedagógica e a estética. Esse sistema ginástico alcançou grande repercussão dentro e fora da Europa, sendo seus seguidores responsáveis apenas pela continuidade da ginástica militar, fato que desencadeou uma série de críticas à proposta inicial.

Se Alemanha, Dinamarca e Suécia criaram métodos ginásticos próprios para fortalecer seus exércitos, desenvolver um espírito nacionalista e sobreviver às investidas de um vizinho ameaçador, esse não era o objetivo daquele que representava a maior ameaça de perigo, ou seja, a França. A ginástica foi introduzida neste

país somente na segunda metade do século passado, e diferentemente das outras nações onde toda a população era contemplada, somente o exército era usuário dessa atividade.

Inimigos ou aliados, o que tornou semelhante o movimento de expansão do sistema ginástico nesses países europeus foi o fato de serem territórios localizados no continente e, portanto preocupados em defender ou expandir suas fronteiras. O desenvolvimento da capacidade de defesa do próprio indivíduo e da nação era o objetivo maior da atividade física.

Em uma outra direção caminhou o sistema ginástico e esportivo inglês.

Por ser uma potência situada em uma ilha, historicamente a Inglaterra foi temida e respeitada pelas manobras econômicas e políticas que conseguia executar pelos mares. Sua guarda como suas conquistas eram feitas pela marinha, reconhecida em todo o mundo. Essa característica por si só já confere ao movimento ginástico e esportivo inglês uma singularidade em relação aos países continentais.

Responsável por um vasto império colonial, berço da Revolução Industrial e de acontecimentos que tiraram o poder da aristocracia em favor da burguesia, foi na Inglaterra que novas formas de relações sociais foram desenvolvidas. Reflexo dessa nova ordem, as instituições educacionais passaram por grandes transformações como a transferência para o Estado das escolas de ensino fundamental associadas à Igreja e a entidades particulares de caráter beneficente, responsáveis pela educação dos 'pobres'. Por outro lado, tanto a burguesia como a aristocracia financiavam seu próprio sistema educacional, determinando a sistematização da ginástica e do esporte neste país (Luzuriaga, 1979).

Essas condições acabaram por gerar também uma preocupação com a normatização de conduta e de regras. Elias e Dunning apontam que a concepção e organização do esporte moderno na Inglaterra estão intimamente relacionados aos complexos processos sociais e políticos que viveram esta nação ao longo dos séculos XVII e XVIII, e justificam:

No decurso do século XIX e, em alguns casos, mais cedo, na segunda metade do século XVIII, com a Inglaterra considerada como um modelo, algumas atividades de lazer exigindo esforços físicos assumiram também em outros países as características estruturais de

‘desportos’. O quadro de regras, incluindo aquelas que eram orientadas pelas idéias de ‘justiça’, de igualdade de oportunidades de êxito para todos os participantes tornou-se mais rígido... A ‘desportivização’, em resumo, possui o caráter de um impulso civilizador comparável, na sua orientação global, à ‘curialização’ dos guerreiros, onde as minuciosas regras de etiqueta representam um papel significativo (Elias & Dunning, 1992, p.224).

Até o final do século XVIII o esporte era uma prática tipicamente aristocrática, fato que sofreu grandes transformações com a ascensão da burguesia e a proliferação do esporte em outras camadas sociais (Grifi, 1989; Tubino, 1992). Thomas Arnold, no Colégio Rugby, utilizou-se desses jogos aristocráticos e burgueses como elemento pedagógico que foram sendo codificados e organizados pelos próprios estudantes.

Os estudantes das ‘public-schools’ promoviam seus próprios jogos - futebol, tiro e caça - apesar da proibição dessas práticas, por serem consideradas violentas e perigosas. As conquistas políticas e sociais burguesas refletiram-se na conquista de privilégios educacionais que envolviam o surgimento de novas ‘public-schools’ e, conseqüentemente, dos valores desenvolvidos nessas instituições, como o esporte.

Conforme aponta González (1993, p.14), diferentemente do que o nome sugere, as ‘public-schools’ eram (são) os centros educativos mais seletos, os internatos aos quais a aristocracia e a alta burguesia recomendavam (recomendam) a educação de seus filhos varões. ‘Essas instituições totais caracterizaram-se por uma grande disciplina interna, pelo abuso, tirania e crueldade física dos alunos maiores (sistema de prefeitos) sobre os mais jovens, por ‘mal práticas’ sexuais e pela mais completa autonomia dos alunos com o uso de seu tempo livre’.

A configuração do espaço esportivo implica uma concepção diferente do âmbito da recreação. Acrescenta González (1993) que a crescente transformação da educação das classes ascendentes, realizada nas ‘Public Schools’, ao longo do século XIX chamou a atenção sobre a necessidade de uma reforma dessas instituições. O esporte surgiu, então, como uma parte da estratégia de controle do tempo livre dos adolescentes das classes dominantes e, em um período muito curto de tempo, acabou por converter-se em um

elemento central, no conteúdo formativo mais importante, dos currículos dessas escolas. Em pouco tempo, campos e quadras foram convertidos em um verdadeiro meio educativo e o esporte ganhou importância sobre disciplinas como línguas ou cultura clássica. Esse procedimento era defendido com o argumento de que o esporte formava o caráter dos futuros dirigentes sociais. Os homens que levariam adiante o liberalismo precisavam ser solidários na ação e ter iniciativa dentro das regras que regia o mercado. O esporte passou a ser uma metáfora do jogo capitalista.

O modelo esportivo predominante, em meados do século XIX, era o da classe média, que no entender de Betti (1991, p.45)

...deu aos vários jogos esportivos, alguns descobertos em estado embrionário, organização, regras, técnicas e padrões de conduta para os praticantes, em grande parte vigentes até hoje.

Tido como uma atividade de ócio da aristocracia e da alta burguesia, e um meio de educação social de seus filhos, foi a partir da conquista de uma jornada de trabalho reduzida e de um tempo de lazer das classes trabalhadoras que o esporte experimentou sua expansão e organização institucional. O modelo esportivo passou a servir como norteador da educação inglesa, voltada para a formação física e moral daqueles que iriam explorar e colonizar o mundo da ‘livre troca’. Os homens que levariam adiante o liberalismo precisavam ser solidários na ação e ter iniciativa dentro das regras que regiam o mercado. O esporte passou a ser uma metáfora do jogo capitalista.

As escolas públicas tornaram-se o celeiro de líderes que iriam atuar na indústria, na política, no exército, nas empresas comerciais e na administração do império colonial e a influência socializante dos jogos era enfatizada para promover liderança, lealdade, cooperação, auto-disciplina, iniciativa e tenacidade, qualidades necessárias à administração do Império britânico.

Mas o privilégio esportivo não estava destinado a todos, uma vez que diante da formação de lideranças é presumível que haja liderados. A partir do Ato de Educação de 1870 (Betti, 1991) foi estabelecido um acordo entre o Departamento de Educação e o Gabinete Militar para que sargentos ministrassem educação física nas escolas primárias. O modelo seguido foi o da ginástica sueca de Ling, gerando uma dualidade de sistemas na educação física inglesa: jogos

organizados nas Escolas Públicas e ginástica nas Escolas Primárias, ou seja, nas primeiras tem-se a formação de líderes empreendedores e bons oficiais, e nas segundas bons operários e soldados, talhados na disciplina e nos efeitos fisiológicos do exercício sistemático.

Juntamente com a indústria têxtil, as ferrovias, as companhias de energia elétrica e tudo o que a Inglaterra pôde exportar, estavam o esporte, sua organização e regras.

Baseado na tradição helênica da 'igualdade de oportunidades' entre os competidores, o esporte veio a servir perfeitamente a essa mesma ideologia dentro do liberalismo.

Estavam lançadas as bases do movimento que veio a reeditar os Jogos Olímpicos da Era Moderna.

O OLIMPISMO - *CITIUS, ALTIUS, FORTIUS*

O Movimento Olímpico moderno, pautado no modelo grego, renasceu com a preocupação de universalizar a instituição esportiva. Exerceu papel de destaque nesse processo o francês Pierre de Freddy, conhecido pelo título nobiliárquico de Barão de Coubertin. Educador, pensador e historiador, quando se empenhou na reorganização dos Jogos Olímpicos intentava revalorizar os aspectos pedagógicos do esporte grego, muito mais do que assistir a conquista de marcas e quebra de recordes. Sua preocupação fundamental era valorizar a competição leal e sadia, o culto ao corpo e à atividade física, reflexo de sua concepção humanista.

Inspirado nos jogos da Grécia Helênica e no modelo educativo das escolas públicas britânicas, esse aristocrata francês via o esporte como um fator indireto para o equilíbrio entre as qualidades físicas e intelectuais - 'mens sana in corpore sano' (mente sã em corpo sã) - e assegurar a paz universal.

Em junho de 1894, diante de uma platéia que reunia representantes de 12 países para um congresso esportivo-cultural em Paris, Coubertin apresentou a proposta de recriação dos Jogos Olímpicos para a capital francesa em 1900, como parte das comemorações da virada do século que ocorreria em seis anos. A proposta foi aprovada por unanimidade, apesar da ignorância da maioria da platéia sobre a história e a tradição dos jogos gregos, mas diferentemente do que havia sugerido o proponente, a competição foi antecipada

para o ano de 1896, para a Grécia, como uma deferência aos criadores dos jogos originais.

A idéia de organizar os Jogos Olímpicos por representações nacionais exigia a criação de uma instituição capaz tanto de normatizar a participação de atletas como de escolher as modalidades disputadas, muitas delas recém-criadas e sem um corpo de regras universalizadas. Foi então criado um comitê com representantes de várias nacionalidades, indicados pelos participantes do encontro para organizar aquela edição dos Jogos, dando origem ao COI - Comitê Olímpico Internacional - em 1894.

A prática de indicação pelo próprio Comitê persiste até os dias atuais e seus membros são considerados *embaixadores dos ideais olímpicos* em seus respectivos países e não delegados de suas nações junto ao Comitê, numa tentativa de destituir aqueles que lidam com o esporte de qualquer relação com manobras políticas (Sagrave, 1988)³.

Regidos desde então por princípios fundamentais contidos na Carta Olímpica, os Jogos Olímpicos pautaram-se por um conjunto de valores que são a referência fundamental do Movimento Olímpico até os dias atuais, que refletiam a formação do Barão de Coubertin.

De acordo com Tavares (1999a, p.15) os Jogos Olímpicos eram para seu reinventor a institucionalização de uma concepção de práticas de atividades físicas que "transformava o esporte em um empreendimento educativo, moral e social, destinado a produzir reflexos no plano dos indivíduos, das sociedades e das nações" - concepção que expressava a formação humanista e eclética de Coubertin. E, é justamente o ecletismo uma das chaves para compreender a lógica interna do "corpus" de valores do Olimpismo, uma vez que a definição contida nos Princípios Fundamentais da Carta Olímpica (Comitê Olímpico Internacional, 1997) é pouco precisa - ou em última análise, como afirma DaCosta (1999) uma filosofia *em processo* durante o tempo de vida de Coubertin - o que tem levado estudiosos do tema a discussões extensas e inconclusivas (Grupe, 1992; Lenk, 1976; Sagrave, 1988).

A Carta Olímpica apresenta o conceito de Olimpismo no Princípio Fundamental no. 2 enquanto

uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando esporte com cultura e educação. O

Olimpismo visa criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais (Comitê Olímpico Internacional, 1997, p.8).

Dos idos de 1894 a 1999 esse conceito passou por algumas transformações e hoje é

entendido de maneira crescente como um grande 'laboratório' para o estudo do esporte uma vez que possibilita, em uma escala internacional e sob abordagens multiculturais, o estudo das questões culturais, filosóficas, educacionais, econômicas, sociais, ecológicas e urbanas à (sic) ele relacionadas via Movimento Olímpico (Tavares & DaCosta, 1999, p.8).

As modernas Olimpíadas dividem-se em Jogos de inverno e de verão, ocorrem de quatro em quatro anos, como na Antiguidade, sendo que na atualidade cada edição ocorre em uma cidade de um país diferente, ainda que possa vir a se repetir depois de um tempo.

O crescimento da importância do evento pode ser observado nos números entre Grécia em 1896 e Sydney em 2000. As modalidades saltaram de nove para 26. Os países participantes passaram de 13 para 197. De 250 atletas homens na Grécia, o total entre mulheres e homens em Sydney ficou em torno de 10 mil. A evolução dos números é um bom indicador de que na atualidade o esporte adquiriu a importância e o prestígio de que desfrutava na Grécia Helênica.

Diferentemente dos gregos, porém, onde o período dos Jogos representava um momento de trégua nas guerras e conflitos de qualquer ordem para que competidores e espectadores pudessem chegar a Olímpia, ao longo desses 100 anos de competições os Jogos Olímpicos da Era Moderna já sofreram interrupção por causa das duas Grandes Guerras e boicotes promovidos por Estados Unidos e União Soviética na década de 1980, indicando que o Movimento Olímpico não é tão apolítico como se proclama.

Os ideais mais arduamente defendidos pelo olimpismo ao longo do tempo foram o amadorismo e o "fair-play". Se tomados descontextualizados do momento histórico em que foram produzidos seria de admirar tão nobre sentimento. Quando vinculados aos interesses

aristocráticos e burgueses esse quadro ganha outros contornos.

O amadorismo era o principal foco de atenção de Coubertin nos idos da reedição dos Jogos. Isso porque, preocupados com a perda do controle da prática esportiva originária em seus domínios, aristocratas e burgueses lançaram-se em defesa dessa atividade alegando que a permissão para o seu exercício seria dada apenas àqueles que pudessem tê-la como atividade de tempo livre. Dessa forma, qualquer pessoa que tivesse trabalhado recebendo remuneração até o momento da competição perderia o direito de participar, enquanto competidor, dos Jogos Olímpicos.

Essas restrições não se baseavam apenas na nobreza do esporte e de seus praticantes simplesmente. Cardoso (1996, p.7) aponta para a questão latente posta na prática popularizada do esporte:

Os inventores do amadorismo queriam, em primeiro lugar, afastar da arena os trabalhadores. O esporte estava reservado a quem pudesse se dedicar a ele em tempo integral e desinteressadamente, enquanto o comum dos mortais suava para garantir o pão de cada dia. Este era o motivo oculto. Abertamente se temia que o dinheiro transformasse a competição esportiva em espetáculo de 'show-business'.

Que os Jogos mudaram, não se tem dúvida. O amadorismo foi no passado tema tão tabu quanto o uso de substâncias dopantes, considerado uma virtude humana e condição "sine qua non" para qualquer atleta olímpico. Vale lembrar que o bi-campeão olímpico brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, depois de conquistar a medalha de ouro no salto triplo em Helsinque, recusou a oferta de doação de uma casa feita por um jornal de São Paulo como prêmio por seus feitos, porque ainda pretendia competir e temia que aquele gesto pudesse ser interpretado como atividade remunerada, pondo em risco sua condição de amador. Vale ressaltar que esse atleta só conseguiu sua casa própria depois de encerrar a carreira de esportista.

Passado pouco mais de um século, na virada do milênio, no prefácio do livro *Estudos Olímpicos*, o então presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman afirmou em um texto que se pretende defensor do Olimpismo

A idéia do Olimpismo se adaptou a um novo mundo, onde não há lugar para o amadorismo, onde a competitividade é feroz e o doping uma ameaça. Mais que nunca é preciso preservar o ideal olímpico (Tavares & DaCosta, 1999).

Ou seja, a defesa do Olimpismo enquanto ideal do Movimento Olímpico segue não aquilo que está expresso na Carta Olímpica - ainda que confuso por causa da base epistemológica eclética do Barão de Coubertin, que permite diferentes interpretações do texto original, segundo vários de seus opositores e ideólogos posteriores, como já citado anteriormente - mas as *necessidades* ou *tendências* internacionais ditadas pelos interesses que despontam no momento. Teria sido essa, de fato, a intenção do Barão? Então por que toda a discussão sobre o que é e para que serve o Olimpismo? As quadras, pistas, piscinas e campos estariam se tornando palco de outras disputas que não apenas aquelas que se propunham a apontar o mais rápido, ágil e habilidoso?

O ideal do amadorismo é para Donnelly⁴ (citado por Gomes & Tavares, 1999, p.248) a base do Olimpismo. Seu desenvolvimento se deu dentro de um contexto bastante específico que era a moral vitoriana e veio a sofrer verdadeira mutação com o estabelecimento de uma relação causal entre dinheiro e desempenho esportivo. Por isso, o Olimpismo é para esse autor, uma atitude em extinção no mundo olímpico.

mais do que solidariedade e respeito mútuo, o principal referencial para a realização do esporte de alta competição atualmente é a capacidade de gerar remuneração financeira para todos os envolvidos direta ou indiretamente.

Como conseqüência desse processo e do esforço de muitos, o amadorismo foi sendo esquecido como um dos elementos fundantes e fundamentais do Olimpismo no final da década de 70, emergindo um movimento de disfarce de atletas em funcionários de empresas para que escapassem à condição de profissionais do esporte. Esse esforço foi substituído definitivamente e com sucesso pelos contratos com patrocinadores e empresas interessadas em investir no esporte, surgindo a partir daí outros tipos de problema.

Se arma do bem ou do mal nesse universo já tão maniqueísta, a profissionalização acabou por acarretar numa grande transformação na organização do esporte tanto do ponto de vista

institucional como na atividade competitiva em si, levando o esporte a se tornar uma carreira profissional cobiçada e uma opção de vida para jovens habilidosos e talentosos. Esse é o esporte do século XXI.

Outro elemento fundamental do movimento olímpico é denominado "fair-play". Utilizado pela primeira vez por Shakespeare, em 1595, sem qualquer relação com a prática esportiva (Mangan, 1996), a partir de 1880 foi incorporado ao esporte para designar um tipo de conduta.

O "fair-play", ou 'espírito esportivo', ou 'jogo limpo', ou 'ética esportiva' pode ser definido como um conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, principalmente do atleta e dos demais envolvidos com o espetáculo esportivo.

Influenciado pela obra de Hippolyte Taine *Notes sur Anglaterrre* e pela metodologia da Rugby School de Thomas Arnold, ou seja, pelo sistema educacional e esportivo inglês, Pierre de Coubertin incorporou ao seu ideário olímpico a noção do comportamento cavalheiresco no esporte.

O "fair-play" presume uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição, e que este atleta não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes. Nessas condições não há espaço para formas ilícitas que objetivem a vitória, suborno ou uso de substâncias que aumentem o desempenho.

De acordo com Tavares (1999b) o "fair-play", enquanto conjunto de valores normativos do comportamento individual e coletivo no ambiente da competição atlética reflete a formulação de um ambiente cultural específico, ou seja, por mais que tenha havido uma universalização dos valores esportivos atuais é preciso contextualizar do ponto de vista cultural as transformações que eles sofreram ao longo do século XX desde que formulados por Pierre de Coubertin.

Apesar de amplo e aparentemente irrestrito o "fair-play" tem recebido a atenção de estudiosos do olimpismo preocupados com as transformações que vêm ocorrendo nas regras e conduta dos praticantes das diversas modalidades esportivas. Isso porque o próprio movimento olímpico criou padrões, normas e orientações que norteiam e influenciam a prática e o entendimento do esporte, tanto por parte de quem o pratica como de quem o assiste.

Lenk (1976) conceitua o "fair-play" de duas maneiras:

“fair-play” formal - está relacionado diretamente ao cumprimento de regras e regulamentos que o participante da competição deve cumprir, em princípio, sendo considerado como uma ‘norma obrigação’ (‘must norm’).

“fair-play” não formal - relaciona-se ao comportamento pessoal e aos valores morais do atleta e daqueles envolvidos com o mundo esportivo. Não está limitado por regras escritas e é legitimado culturalmente. A ausência de uma regulamentação oficial confere a ele um caráter subjetivo.

Apesar de caracterizado por uma abordagem normativa e conservadora do comportamento atlético, o “fair-play” serviu durante longo tempo como orientação para os protagonistas do espetáculo esportivo, ainda que não fosse seguido durante todo o tempo.

Assim como o conceito de amadorismo foi abolido ou esquecido do olimpismo, assistimos a uma mudança no que se refere também ao “fair-play”. Tavares (1999b, p.190) justifica essa transformação porque

o esporte vem sofrendo deslocamentos de sentido nos últimos trinta anos, apontando para uma possível relativização dos valores tradicionais ligados à prática esportiva, entre eles o fair-play⁵.

Parece acaso, mas o lapso temporal apontado pelo autor coincide com o fim do amadorismo e o início do profissionalismo no esporte, conferindo uma nova moral e, portanto, uma nova ética, ao Olimpismo. E mais uma vez os ideais olímpicos Coubertinianos são postos a prova.

De 1896 em Atenas a 2000 em Sydney, os Jogos Olímpicos cresceram em número de países e atletas participantes e em importância. Tornaram-se um evento significativo tanto do ponto de vista esportivo, como econômico e político. Já não possui o purismo sonhado por Coubertin, que idealizava o esporte como um momento de celebração quase religiosa entre os povos. Na atualidade os Jogos Olímpicos são o principal evento esportivo competitivo, principalmente naquilo que se refere a índices de desempenho atlético, número de provas, de modalidades, de esportistas e de países participantes, além de ser um evento com forte apelo turístico e comercial.

Contribuiu grandemente para essa transformação o advento das transmissões

televisivas, principalmente ao vivo a partir de 1960 em Roma, que permitiram o acompanhamento em tempo real das façanhas realizadas nas pistas, quadras, piscinas e ginásios, por atletas que começaram a ver seus papéis transformados ao longo do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diretamente relacionado às transformações econômicas e sociais do último século que viveu profundas transformações que afetaram o jogo da ciência, da tecnologia e das artes, e daí ser caracterizado como pós-moderno (Jameson, 1997; Lyotard, 1989) o pós-olimpismo (Rúbio, 2001, 2002) poderia ser caracterizado não como a prática esportiva que busca reviver o passado olímpico grego, mas refeito e reformulado apresenta-se como simulacro de um ideal onde elementos fundamentais à sua organização e prática são desprezados em detrimento da satisfação de interesses econômicos e políticos, que nem sempre estão diretamente relacionados com o fenômeno esportivo.

A condição pós-moderna conferida ao esporte atual pode ser justificada pela relação de dependência estabelecida com os meios de comunicação de massa e o conseqüente ajustamento de sua prática em função das exigências e necessidades desses meios. A televisão transformou a audiência do esporte em todo o mundo, e na medida que começou a perder a capacidade de subsistir enquanto espetáculo ao vivo, tornou-se dependente de patrocínios gerados pela abrangência das transmissões televisivas. Essa situação provocou o incremento do profissionalismo no esporte, tanto no que se refere à posse do espetáculo pela televisão como em relação àquele que protagoniza o espetáculo, o atleta.

É a partir desse momento que os dois elementos fundantes do esporte moderno, o amadorismo e o “fair-play” passaram a sofrer seu grande revés. Considerados a base do Olimpismo, esses conceitos foram norteadores do esporte ao longo do século XX, até aproximadamente os anos 70, quando a relação causal dinheiro e desempenho esportivo passaram a compor uma dupla inseparável, levando o esporte a se tornar uma carreira profissional e uma opção de vida para crianças e jovens possuidores de um nível de habilidade desejada para o desempenho esportivo.

A ruptura da estrutura do esporte atual com os valores propostos originalmente impedem que o Olimpismo de então seja entendido e praticado na atualidade da mesma maneira. Transformado em produto de consumo, e como tal deve estar adequado e satisfazer às exigências de um mercado consumidor, o esporte contemporâneo impõe aos protagonistas do espetáculo esportivo, ou seja, ao atleta, as regras que devem reger sua atuação e conduta.

O pragmatismo que favorece a fama imprime uma condição mítica a uma parcela de atletas contemporâneos, externalizado em forma de comportamento vencedor. O discurso e a prática Olímpicos que já foram divinos tornaram-se mercantil e ideológico.

Aqueles atletas que escaparam a essa armadilha e puderam superar o individualismo vivem o arquétipo do herói em toda a sua plenitude, seja pela demonstração de força e coragem, seja pela capacidade de realizar virtudes destinadas a poucos, seja até em determinados momentos pela morte trágica. Contudo isso, não é de se estranhar que justamente este personagem seja o alvo de projeção de grande parcela da população de crianças e jovens. Reside na possibilidade de realizações semelhantes, e na conseqüente permanência, a esperança de um futuro que inscreva seu nome na história, como o tiveram os heróis-atletas da Antigüidade.

ABSTRACT

FROM OLYMP TO POST-OLYMPISM: TOPICS FOR A REFLEXION ON CONTEMPORARY SPORT

Sport has always reflected the way in which society is organized, differences between nations, peoples and social classes. Moreover, lately sport has become an essential part of the cultural industry and one of the century's most meaningful social phenomena. Thus sport nowadays constitutes a privileged research and intervention ground not only with regard to specific aspects, namely tactic and technical practice, but also from an educational and socio-cultural viewpoint. A reasonable explanation for this fruitful development is the fact that contemporary sport incorporates values derived from its genesis as a body-mind integrating element, the pedagogic content inherited from Hellenic Greek tradition in conjunction with the competitive status characteristic of postmodernism. The dependency relationship between sport and mass media dictates a series of adjustments affecting procedures and rulings, dictated by the media's demands and necessities. The transformation of the athlete's social role and that of sports organizations was probably needed to attain a successful adaptation to the new sporting values, called post-olympism, which preclude amateurism and call for a notion of fair play that has to satisfy sponsors, mass media and new regulations.

UNITERMS: Olympism; Contemporary sport; Postmodernism; Cultural industry.

NOTAS

1. A *agonística*, segundo Brandão (1999) em grego "agonistiké", signi fica luta, disputa atlética, e prende-se a "ágon", 'assembléia, reunião' e, em seguida, 'reunião dos helenos para os grandes jogos nacionais', os próprios jogos, os concursos, as disputas.
2. O conceito do esporte enquanto um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade, no caso a brasileira, é desenvolvido por DaMatta (1982). Para o autor o esporte é um código de integração social, uma força integrativa capaz de proporcionar ao povo a experiência da vitória e do êxito, e, em algumas situações, proporciona ainda a experiência da igualdade e da justiça social.

3. Sagrave apresenta o conceito de Olimpismo enquanto uma filosofia de reforma social, onde se pode encontrar, dentre o conjunto de objetivos específicos, a *independência do esporte* de qualquer influência política, e, conseqüentemente, dos membros da instituição máximo do Olimpismo que seria o COI.
4. Gomes e Tavares (1999) apresentam nesse texto a contribuição da vários participantes da Academia Olímpica Internacional em especial destaque para Stolyarov da Rússia, Shaddad do Sudão e Donnelly do Canadá, pelas posturas críticas em relação ao Olimpismo.
5. Tavares (1999b) tenta justificar essa guinada do Olimpismo, situando, principalmente o "fair-play" dentro de uma nova ordem cultural, sem discutir, entretanto, a motivação intrínseca do Olimpismo atual que está pautado na potência comercial que o COI se tornou. O autor afirma "talvez o próprio conjunto de valores do fair-play necessite ser repensado em função de um cenário cultural bastante diverso do ambiente aristocrático do século passado em que surgiu o Olimpismo, incorporando novos valores sociais contemporâneos ao mesmo tempo que mantendo seus elementos essenciais, numa articulação entre tradição e mudança". (p.190).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BOGA, M. **Jogos Olímpicos na antiga Grécia e olimpismo moderno**. Lisboa: Imprensa Lucas, 1964.
- BRANDÃO, J. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1999, v.1.
- CAGIGAL, J.M. **Cultura intelectual y cultura física**. Buenos Aires: Kapeluz, 1979.
- CARDOSO, M. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Olympic charter**. Lausanne: COI, 1997.
- DaCOSTA, L.P. O olimpismo e o equilíbrio do homem. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L.P. (Eds.). **Estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.
- DaMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DIEM, C. **Historia de los deportes**. Barcelona: Luis de Caralt, 1966.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERNANDES, R. **Jogos Olímpicos: citius, altius, fortius**. Porto: Porto Editora, 1980.
- GILLET, B. **Histoire du sport**. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.
- GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria/Unimes, 1996.
- GOMES, M.; TAVARES, O. A contribuição da Academia Olímpica Internacional para a discussão e difusão do Olimpismo. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L.P. (Eds.). **Estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.
- GONZÁLEZ, J.I.B. **Materiales de sociologia del deporte**. Madrid: Ediciones Endymión, 1993.
- GRIFI, G. **História da educação física e do esporte**. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Editores, 1989.
- GRUPE, O. The sport culture and the sportization of culture: identity, legitimacy, sense and nonsense of modern sports as a cultural phenomenon. In: LANDRY, F. et alii (Eds.). **Sport... the third millennium**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1992.
- JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1999.
- LENK, H. Toward a social philosophy of the Olympics: values, aims and reality of the modern olympic movement. In: GRAHAM, P.J.; UEBERHORST, H. (Eds.). **The modern olympics**. West Point: Leisure Press, 1976.
- LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Nacional, 1979.
- LYOTARD, J.F. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.
- McINTOSH, P.C. **O desporto na sociedade**. Lisboa: Prelo, 1975.
- MANGAN, J.A. Muscular, militaristic and Manly: the british middle-class hero as moral messenger. In: HOLT, R.; MANGAN, J.A.; LANFRANCHI, P. **European heroes: myth, identity, sport**. London: Frank Cass, 1996.
- MARINHO, I.P. **História geral da educação física**. São Paulo: Companhia Brasil, s.d.
- PEREIRA, F.M. **Dialética da cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.
- PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Cultrix, s.d.
- RIBEIRO, W.C. **A ordem ambiental internacional**. 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Difel, 1979.

RUBIO, K. **Atleta contemporâneo e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. O imaginário esportivo ou seriam heróis os atletas modernos? **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, 2000.

SAGRAVE, J.O. Toward a definition of olympism. In: SAGRAVE, J.O.; CHU, D.B. (Eds.). **The Olympic Games in transition**. Champaign: Human Kinetics, 1988.

TAVARES, O.; DaCOSTA, L.P. (Eds.). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

TAVARES, O.A. Referenciais teóricos para o conceito de Olimpismo. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L.P. (Eds.). **Estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999a.

_____. Algumas reflexões para uma rediscussão do fair-play. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L.P. (Eds.). **Estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999b.

TUBINO, M.J.G. **Esporte e cultura física**. São Paulo: Ibrasa, 1992.

Recebido para publicação em: 30 jul. 2001
Revisado em: 12 set. 2002
Aceito em: 28 mar. 2003

ENDEREÇO: Katia Rubio

Depto. de Pedagogia do Mov. do Corpo Humano
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65
05508-900 - São Paulo - SP - BRASIL